

INFLUÊNCIA DA IGREJA SIRÍACA – II

No número passado, falamos da Igreja Udi- albana e a influência que a Igreja Siríaca exerceu sobre essa nação. De igual forma, os pregadores do nosso cristianismo oriental, em suas pregações, converteram muitas nações, fossem elas urbanas, rurais ou até mesmo tribais.

Um caso interessante foi o da tribo árabe dos gassânidas. Os gassânidas perambulavam pelos desertos que beiravam a Síria e a Jordânia e chegavam até a Península Arábica. Em diversas oportunidades algumas pessoas das tribos ficavam retidas nalguns oásis ou próximos de cidades por onde passavam e acabavam por se fixarem lá e formarem pequenos reinados, chefiados pelo ancião da família ou do clã. Esse era o caso dos gassânidas.

A tribo dos gassânidas, em árabe e outros relatos escritos em línguas semitas eram chamados de “**báni g^hássan**”. (a título de conhecimento, esse símbolo: **g^h** é pronunciado como no Brasil se pronuncia a letra “r” nas palavras: **carro**, **morra** ou seja, o ar que sai pela pronúncia de “rr” fricciona levemente a garganta ao passar por ela). Aqui cabe uma observação importante que vai nos permitir distinguir o modo de vida de um povo civilizado do modo de vida de um povo nômade. Na cultura da civilização semita (oriental), a ênfase é na “casa” enquanto que no de cultura nômade é na tribo. Distinguimos isso facilmente pelo nome com que é chamada a família. Já demos indício disso no número 75 de Suryoye, na seção “Sáifo – O Genocídio dos Siríacos”. Lá dizíamos que a família era cohecida pelo nome de “**casa de...**”, em aramaico: “**bet...**” ou “**be...**” e foi citado o exemplo de “**bet Saume**” ou “**be Saume**” (= casa de Saume).

Por outro lado, quando tratamos de tribo, trocamos “**bet...**” e “**be...**” por “**ben**” (em fenício/ hebraico/assírio, só para ficarmos nas línguas semitas, por exemplo) ou “**ibn**” (em árabe) que significam “filho de”. No plural temos “**bani**” (= filhos de).

Quando olhamos os relatos históricos vemos que havia muitos nomes que iniciavam com “**bani**” o que era indício certo que se tratava de estrutura social tribal pois, não havia referência à “casa”

não somente no sentido de família mas também de edificação física.

Na história árabe, em especial a do islamismo, encontramos somente nomes que iniciam por “bani”, por exemplo: “bani qoráix”, “bani jud^ham” etc. Tudo isso leva a uma conclusão: que esses relatos eram sobre tribos e cultura tribal; não se tratava pois de civilização.

A tribo de **bani g^hassan** aparece pela primeira vez na história do oriente como uma tribo árabe cristã por volta de 250 d.C. nos locais mencionados, deserto da Jordânia e da Síria. Essa região que estava sob o domínio do governo romano desde antes de Cristo, fora cristianizada pela Igreja Siríaca de Antioquia. Foi de Antioquia que saíram as levas de pregadores que levavam a mensagem de Cristo a todo o Oriente e tais levas ocorreram em etapas, primeiro os pregadores originais (discípulos dos discípulos de Cristo, já mencionamos, por exemplo, Santo Adai, no número anterior e sua pregação às tribos Udi) depois vieram as levas de reforço que chegaram até os confins da Índia e depois, os discípulos nascidos nas igrejas locais já estabelecidas, tal como acontecera no século VI que da Igreja Siríaca na Índia saíram pregadores para a China e de lá, da China, chegaram outras levas até o Japão.

Quando Flávio Valério Constantino, general e depois, imperador romano, conhecido como Constantino, o Grande, construiu uma nova capital na parte oriental do Império Romano, em Bizâncio (330 d.C.), a tribo dos **gassânidas** ou de **bani g^hassan**, estava formando uma federação de diversas tribos árabes e todas adeptas da Igreja Siríaca de Antioquia. Cabe aqui um comentário; como a Igreja Siríaca de Antioquia adotara um cristianismo literal, ou seja, em momento algum ela obrigava que um indivíduo qualquer se convertesse a seus ensinamentos, os adeptos da Igreja Siríaca de Antioquia conviviam de forma pacífica com todas as outras filosofias, tal como ensinou Cristo (v. Evangelho de S. Mateus cap 10), porém havia por todo o Oriente povos que se não converteram e parte deles se manteve na adoração de pedras (como a **Ca’aba** em Meca na Arábia) ou de astros (como a Lua entre os arameus de Harã) e também na adoração de deuses “pagãos”.

Os locais que essas tribos percorriam constantemente

INFLUÊNCIA DA IGREJA SIRÍACA – II (CONT.)

te, tal como os oásis do deserto da Jordânia e da Síria, foram aos poucos sendo defendidos contínua e constantemente por eles, daí a formação natural de uma federação. Essa federação de tribos árabes, lideradas pela tribo de **bani ghassan** delimitavam um território que serviu por muito tempo como território tampão entre o Império Romano de Oriente (conhecido como Império Bizantino) e o Império Persa. Os persas, por diversas vezes tentaram avançar sobre os Romanos e obrigatoriamente tentavam passar pelos territórios (oásis) onde ficavam os gassânidas, contudo, sempre foram repelidos pelos mesmos (em política, esse tipo de território, o território tampão, é conhecido como “zona de contenção” – os ingleses, durante o governo da rainha Vitória, no século XIX, cunharam o nome político até hoje usado em política internacional: “buffer zone”). Devido a essa firmeza em repelir os persas, o governo de Bizâncio elevou os cheiques dos gassânidas ao nível social de “patrícios”. Esse novo “status” conquistado pelos gassânidas também lhes trouxe o privilégio de influência na corte bizantina.

Logo após o Concílio de Calcedônia, quando os Bizantinos e Romanos se opuseram a Antioquia (Siríacos) e Alexandria (Coptas = egípcios) em questões teológicas, os governantes bizantinos aceitaram as decisões do Concílio de Calcedônia, já com ênfase na filosofia grega e contrária ao pensamento cristão original que Antioquia mantinha. É nessa época que a influência gassânida na corte bizantina se fez sentir. Fato relevante foi o aprisionamento de um frei muito famoso da Igreja de Antioquia, o então padre Ya’qūb Burde’ono que havia se dedicado a espalhar o cristianismo por todo o Oriente. Por ordem do imperador, ele fora aprisionado por não concordar com as decisões de Calcedônia; o cheique dos gassânidas, Al-Harith ibn Yaballah al-ghassani interferiu junto à rainha Teodora (ela simpatizava e aceitava os Siríacos e as decisões de Antioquia) e isso foi decisivo para a libertação de Ya’qūb Burde’ono.

Diante desse e outros fatos, os governantes bizantinos passaram a olhar com desconfiança a federação comandada por **bani ghassan** visto que a maioria era adepta da Igreja de Antioquia; porém, em menos de um século, parte dos gassânidas havia adotado os dogmas do Concílio de Calcedônia e com isso teve início a derrocada da federação. Quando chegou o islamismo, uma boa parcela dos gassânidas mantivera-se no cristianismo não aceitando o islamismo, ainda mais que esse estava se impondo pela força da espada. Durante muito tempo esses gassânidas forneceram tropas e defesa ao Império Bizantino fazendo frente aos persas e seus aliados, os árabes laquimidas. Durante esse tempo, apoiavam as manifestações artísticas e entre os artistas da época surgiu o último dos poetas árabes da “jahelia”, do pré-islamismo, o poeta das “mua’alaqat” (v. **Suryoye** nrs 73 e 74 – A História da Rima), de cognome: “nabigha adh-dhubiani” (a tradução desse nome seria: o gênio da fusão) cujo nome verdadeiro era: “zaid ibn mua’awia” que viveu entre 535 e 604 d.C.

Por fim, os gassânidas foram assimilados pelos Siríacos da região.

Após alguns anos de batalhas, uma parcela dos gassânidas e seus confederados, cansados de serem tratados com desconfiança pelo governo bizantino e confundindo o islamismo como um retorno do governo tribal, apoiou os árabes beduínos contra o governo bizantino e acabaram por amalgamar-se nas hordas dos beduínos e se islamizaram.

Palavras da Bíblia

Não temas a superstição da noite e a flecha que voa de dia;

E da palavra que anda na escuridão e do espírito que é lançado ao meio-dia!

Salmos 91 versos 5 e 6

CULTURA ORIENTAL – FALAFEL

Ainda falando de culinária, um tema mais ameno relativo à cultura, vamos dessa feita abordar um prato bem oriental, o conhecido “falafel”.

Qual seria a origem desse prato?

Antes de iniciarmos nossa aventura, vale a pena citarmos, nem que seja somente a título de curiosidade que para obter renda com esse prato, há uma controvérsia não solucionada em tribunais internacionais, entre Líbano e Israel ¹ sobre patente do mesmo. Por mais cômico que pareça, esses países estão defendendo o prato “falafel” como se fosse uma invenção de seu povo.

Esse prato é muito comum por todo o Norte da África, Oriente Próximo e Médio. Basicamente é feito de massa de grão-de-bico que é obtida deixando a quantidade que se deseja de grãos-de-bico de molho em água fria por oito horas aproximadamente; depois os grãos-de-bico são amassados e misturados com um pouco de farinha de trigo (para dar liga e não quebrar na fritura). Começamos então o processo de produzir a massa do grão-de-bico com a farinha e a isso são adicionados sal, alho e pimenta moída a gosto e ervas, em geral salsinha e cebolinha porém, há quem coloque coentro. Quando atinge o ponto de uma massa consistente, são feitas bolotas esféricas de aproximadamente 3 a 4 centímetros de diâmetro e no momento de comer, tais “almôndegas” são fritas em azeite. No norte da África, como as favas são mais comuns que o grão-de-bico, este é substituído pelas favas.

Observemos que esse prato, como não contém produtos procedentes de animais, torna-se usual nas abstinências religiosas dos cristãos, em especial os adeptos das Igrejas Orientais: Igreja Copta e Igreja Siríaca (Assíria do Leste, Caldaica e Siríaca de Antioquia) .

Vamos agora estabelecer a origem desse prato, apesar das diversas controvérsias ufanísticas, desde egípcios, libaneses e passando por palestinos, israelenses, sírios e até os habitantes da península arábica (Arábia Saudita, Yemen etc).

Os egípcios, donde poderia originar esse prato ², chamam-no de *Ta'amíah* que significa (em árabe) “coisa saborosa”-ou- “coisa do paladar”. O problema aqui é que o nome do prato (*falafel*) não coincide com o nome usado no Egito (*Ta'amíah*)! Alguns adeptos da Igreja Copta alegam que o nome é originalmente uma composição de palavras em língua copta (essa língua é “mistura” de egípcio antigo com grego) as quais seriam: “*fa la fel*” (Φα Λα Φελ) e significaria “com muitas favas” (fava é um tipo de feijão grande conhecido no Egito e em todo o Oriente como “*ful*” ³ – daí, segundo os coptas, viria o “*fel*” de “*falafel*”) e teria sua origem na necessidade de se alimentarem com algo consistente durante a “Quaresma”. Isso limita a existência do *falafel* ao pós-cristianismo.

No lado asiático do Mar Mediterrâneo, no Líbano, Palestina, Israel, Síria e mais para o interior, no Iraque, onde o nome é ***falafel***, alega-se que esse nome é originário da palavra “*felfel*” que significa “pimenta”. Temos aí dois problemas, o primeiro é que a pimenta não é a base do prato, é apenas um condimento, tal como o sal e ninguém de sã consciência daria um nome ao prato por um de seus condimentos, então, por que não “*milêh*” = feito de sal, já que na produção da massa e recheio do *falafel* temos mais sal (*melêh*) do que pimenta? O segundo dos problemas é que a pimenta é originária da Índia e seu nome em sânscrito é: “*pippali*” que significa: pimenta comprida, logo, se a origem fosse a pimenta, esse prato teria sua origem na Índia, onde o ***falafel*** não é um prato típico.

Em países da Península Arábica, o nome do falafel é “*badjiah*” (na pronúncia dos árabes - beduínos é : *bagíah*). A origem dessa palavra – *bagíah* (pronuncia-se com o som de “g” como em “gato”) - é desconhecida. O mais próximo que se pode chegar é o latim: “*baca*” ou “*bacca*” que significa: “pérola” ou então a frutinha “*baga*” e esta está longe de ser árabe. Lembremos somente que o grão-de-bico, tal como a pérola, é de cor bem clara (a fava é escura). Além disso, não se descobriu uma pérola ou uma baga na Península Arábica.

Se pesquisarmos qual o idioma que era falado pelo povo de todo o Oriente Próximo (Líbano, Palestina, Israel, Síria, Iraque, Sudeste da Turquia e até na Cilícia), antes da língua árabe assumir a primazia, ou seja,

CULTURA ORIENTAL – FALAFEL

(CONT.)

1.200 / 1.300 d.C. veremos que era a língua aramaica. Até o início do século passado, o idioma aramaico era a língua comum no sudeste da Turquia e de lá, após o genocídio do Saifo, passou para a divisa da Turquia com a Síria bem como reforçou sua situação na divisa da Turquia com o Iraque, regiões essas que são o Noroeste e Nordeste da Mesopotâmia. O idioma aramaico era falado por toda essa região desde 900 a.C., o que representaria um lapso de tempo de quase 2.800 anos e espalhado por essa região até hoje. Pesquisando nos dicionários da língua aramaica⁴, veremos que existe o verbo “**pal**” que significa “fazer massa ou prensar- ou- comprimir- ou ainda- espremer algo para torná-lo uma massa” e mais, que esses verbos cujo radical contem somente duas consoantes básicas, quando repetido o radical, indicam “continuidade de ação”, por exemplo: **LaM** = juntar, **LaMLeM** = colecionar continuamente; **DaQ** = quebrar, socar, martelar, **DaQDeQ** = esmigalhar até transformar em pó. Assim temos de **PaL** – **PaLPeL** que significa “fazer massa ou amassar continuamente” o que vem a coincidir exatamente com o processo inicial e principal de produção de **falafel**. Antes de prosseguirmos, vamos lembrar que em aramaico, a letra “p” e a letra “f” possuem o mesmo símbolo distinguindo-se “p” de “f” por um ponto que se coloca abaixo da letra “p” e se pronuncia “f”; em geral, usam-se esses pontos de distinção somente nos livros escolares. Outra observação a ser feita é que o uso do ponto diacrítico (ou de distinção) não muda o significado da palavra, somente muda o som; finalmente, algo que já comentamos diversas vezes é que algumas consoantes não existem em árabe, porém, existem em aramaico ou assírio antigo e assim, as palavras introduzidas no árabe, provenientes do assírio antigo ou do aramaico, são adaptadas para as consoantes que existem em árabe, por exemplo: arado (instrumento para lavrar a terra) – **padon** (em aramaico) = **fadan** (em árabe); leopardo (animal) – **pahed** (em aramaico) = **fahed** (em árabe); hóstia (pão da comunhão da igreja) – **purxono** (em aramaico) = **burxana** (em árabe); amendoim (alimento) – **pesteq** (em aramaico) = **fustuq** (em árabe); finalmente, chegamos ao **palpel** donde em árabe temos **falfel** e daí; **falafel** e aqui ocorre outro “fenômeno lingüístico” do idioma árabe – a língua árabe “foge” de seqüência de sílabas “fechadas” numa mesma palavra (sílabas fechadas é aquela que é composta por “consoante + vogal + consoante”) ou mesmo palavras com duas consoantes seguidas na mesma sílaba; diferentemente de outras línguas semitas; assim, por exemplo, o verbo **qTal** (= matar) em aramaico, os árabes dizem **qaTala** e por isso, dizem **falafel**.

Outro indício claro de que não seja de origem árabe o **falafel** e que já mencionamos anteriormente em outro artigo – é que os beduínos, isto é os únicos e autênticos árabes, são nômades portanto não plantavam, muito menos esperavam a colheita pois essa demorava muito entre a semeadura e a ceifa, logo não produziam pratos refinados de culinária, apenas colhiam e consumiam de imediato o que encontravam maduro nos oásis. É claro que não podemos esquecer que o nome desse prato na Arábia e lemen também não é falafel, é “**bagía**”.

Diante de tudo isso, resta-nos somente a Província Síria conhecida de gregos e romanos que abraçava, desde os tempos remotos, do tempo dos assírios e bem anteriores aos romanos, gregos, árabes e outros posteriores, os atuais países: Síria, Iraque, Palestina, Israel, Líbano etc que é exatamente onde o nome desse prato é **falafel** e onde se falava aramaico, região essa e língua esta que mantiveram o nome e a forma original de produzir tal iguaria. Podemos por isso concluir que se não tratava de comida árabe mas de um produto da cultura culinária da Mesopotâmia e cercanias.



Observações sobre Falafel

¹ Disputa jurídica Líbano x Israel (acesso em 20 de dezembro de 2015): <http://www.ynetnews.com/Ext/Comp/ArticleLayout/CdaArticlePrintPreview/1,2506,L-3605773,00.html>

² Origem egípcia (acesso em 20 de dezembro de 2015): http://www.jstor.org/stable/10.1525/gfc.2003.3.3.20?seq=1#page_scan_tab_contents

³ A pronúncia dessa palavra é com a vogal “u” comprida; tomando o “u” o dobro do tempo normal, como se estivesse escrito “foul”.

⁴ **A Compendious Syriac Dictionary** – Edited by J. Payne-Smith (Mrs Margoliouth) – Clarendon Press . Oxford – 1902 (consultar página 445 referente a pal / palpel).

A ORAÇÃO – CONTROVÉRSIA ENTRE UM GREGO E SIRÍACO

Controvérsia entre um grego e um siríaco

Na nossa Igreja Siríaca de Antioquia, apesar de repetirmos uma determinada melodia diversas e seguidas vezes, numa mesma oração, ainda assim não repetimos a oração (as palavras). Dessa forma, uma mesma melodia pode ser usada com palavras diferentes nem que seja na mesma oração. Existem, contudo, algumas poucas exceções e uma dessas é uma oração repetida diversas vezes ao dia, conhecida no ocidente como Trisságio (na língua portuguesa) e **qadixat aloho**, em aramaico.

Durante a missa cantamos essa oração logo após a oração da Virgem Maria (composta pelo Patriarca S. Severios) e antes da conclamação dos fiéis à atenção da leitura de Atos dos Apóstolos e da Carta Apostólica (em geral de S. Paulo).

Eis a tradução da Trisságio e a transliteração (linha por linha):

Santo és ó Deus, _____ qádixat aloho
 Santo és ó Todopoderoso _____ qádixat Haiëlthono
 Santo és ó Imortal _____ qádixat lo moiut^{ho}
 Que foste crucificado por nós. __de^dSe^dTëlepët ëHëlofain
 Tem piedade de nós. _____ et^hraHam ë'alain.
 (essa estrofe de 5 versos deverá ser repetida 3 vezes)

Senhor, tem piedade de nós _____ qürieleison.
 (esse 6º verso de uma palavra é repetido 3 vezes)

A tradição da Igreja exige que a primeira parte da oração seja cantada de forma antifônica. A primeira parte começa na 1ª linha e acaba no final da 5ª linha. O 1º verso será cantado pelo sacerdote e do 2º verso ao 5º verso, sê-lo-ão pelos diáconos, com a seguinte orientação: o conjunto dos diáconos que está na esquerda do altar cantará do 2º ao 5º verso (com esse conjunto de diáconos cantará o conjunto de fiéis que se encontram do lado esquerdo da igreja). Em seguida, o sacerdote reinicia cantando o 1º verso e o conjunto dos diáconos que está na direita do altar cantará do 2º ao 5º (com esse conjunto de diáconos da direita, cantará o conjunto de fiéis que se encontram do lado direito da igreja). Na 3ª vez, repete-se da mesma forma como fora cantada na 1ª vez. O refrão final será cantado por todos simultaneamente.

Das Igrejas Basilares, somente a nossa coloca esse 4º verso (*Que foste crucificado por nós*). Pela tradição histórica da Igreja, fora Patriarca Eustataus o Grande, patriarca de 324 a 337 (em português esse nome é conhecido como Eustáquio e traduzido também por Estácio) quem fez esse acréscimo para reforçar a fé do povo na salvação do ser humano através da crucificação de Jesus e indiretamente, tal declaração de fé re-

tirava a possibilidade de o cristão ser iludido pela falácia da filosofia do arianismo. Já a fé popular acreditava e até hoje o povo da Igreja Antioquina vê a justificativa mais do que um simples acréscimo de palavras, esses fiéis da Igreja de Antioquia acreditam que tudo esteja ligado a derrotar o demônio através da oração, sua fé é espiritual e neste caso ligada ao exorcismo, ou seja, uma oração para expulsar e manter o demônio longe do fiel.

A seguir publicamos a tradução de um “diálogo entre um grego e um siríaco sobre a oração do Trisságio”. A publicação original é em francês pois trata-se de tradução do aramaico feita por François Nau porém, ele não publicou o original, somente a sua tradução francesa.

Controvérsia entre um siríaco e um grego.

Perguntas e respostas sobre as palavras: Deus santo, santo poderoso, santo imortal, que foste crucificado por nós, que dizemos na oração¹.

- **Questão do Grego:** Diz-me ó Siríaco, por que após dizerdes vossas orações: Deus santo, Deus poderoso, santo imortal, vós ajuntais: que foste crucificado por nós? Dessa forma vós crucificais sempre a divindade. Dizei-nos quem a vos ensinou assim e por que dizeis: “que foste crucificado por nós”?

- **Resposta do Siríaco:** Saiba ó Grego que todo cristão que reza e não coloca em sua oração: que foste crucificado por nós, reza ao demônio e não a Deus e o demônio rouba² as orações da sua boca e elas não chegam a Deus.

- **Grego:** Explica-me, ó Siríaco, como que aquele que não diz: que foste crucificado por nós, reza ao demônio?

- **Siríaco:** Saiba, ó Grego, que o demônio é o inimigo do homem e procura por sua perdição sempre. Ele o combate dia e noite e quando o homem se levanta para rezar a Deus, o demônio amaldiçoado fica de frente a ele e quando o homem diz em sua oração: Deus santo, o demônio responde: E eu também sou santo e eu sou deus de todas as trevas deste mundo. E quando agrega: santo poderoso, o demônio responde: E eu também sou poderoso, eu opero os signos e os numerosos prodígios deste mundo. E quando dizemos: santo imortal, o demônio ajunta: E eu também sou imortal. Porém, quando dizemos: que foste crucificado por nós e quando fazemos sobre nós o sinal da cruz, fechamos a boca do demônio. Ele permanece confuso, e não tem nada a responder, porque não é ele que foi crucificado para nossa salvação. E quando ele vê que nossa oração chegou Àquele que foi crucificado por nós, então foge com medo e tremor e desatino³ perante a força da cruz como fumaça ao soprar do vento. Todavia se não dizemos na oração: que foste crucificado por nós, o demônio amaldiçoado tem resposta a cada palavra e rouba a oração da nossa boca. É conveniente, portanto, que digamos em nossas orações: “que foste crucificado por nós”, pois essas palavras repelem o demônio e tornam vão todo seu poder.

¹ N.E.= essa é a introdução ao diálogo e não faz parte dele porém, faz parte do texto.

² N.E.= em aramaico cuja tradução seria “roubar” e que F. Nau dá como “tomar ou levar”.

³ N.E. = em aramaico: desmaio.

Aniversário da Igreja Sirian Ortodoxa Santa Maria



Placa comemorativa da Consagração da Igreja Santa Maria por S.S. Patriarca, em 14 de junho de 1981.

Desde que aportaram no Brasil, há mais de 110 anos, os pioneiros entre os fiéis da Igreja Sirian Ortodoxa de Antioquia, vindos da Síria e Turquia e depois, do Líbano, do Iraque e de todo o Oriente Médio e Próximo, tinham como ideal, a construção de um templo, de uma igreja onde pudessem rezar e comungar, de acordo com sua fé oriental, ouvir as antigas melodias e a língua de sua Santa Igreja que é a língua que o próprio Jesus Cristo usou para pregar Sua filosofia de vida na Terra.

Esses pioneiros e seus filhos se empenharam em construir esse glorioso templo que é a Igreja Santa Maria. Houve hesitações, recuos mas não desânimos. Demoraram 25 longos anos até que conseguiram realizar seu ideal, o ideal de cada cristão, o ideal de cada sirian ortodoxo que é o de erigir uma igreja e por fim, quando muitos dos pioneiros já se haviam mudado dessa vida para junto de N.S. Jesus Cristo, seus filhos levaram adiante tal empreitada e realizaram o sonho de seus pais. Em junho de 1981, SS Mor Ignatios Zakkai I, Patriarca da Cátedra de Antioquia veio ao Brasil para consagrar o templo construído, em nome da Virgem Santa Maria, a Igreja Sirian Ortodoxa Santa Maria.

Neste ano de 2016 d.C., a comunidade sirian ortodoxa comemora o 35º ano da consagração da Igreja Santa Maria.

Obrigado refugiados pioneiros que não esqueceram Jesus, obrigado filhos desses pioneiros que deram continuidade a um dos mais sublimes ideais de seus pais.

Agora chegou o tempo dos netos desses pioneiros se apresentarem e assumirem suas responsabilidades e engrandecerem os ideais de seus avós e de seus pais, de engrandecerem o nome da Igreja Sirian Ortodoxa de Antioquia no Brasil.

Rejubila ó noiva do Rei

Neste dia de tua sagração

Pois o Noivo vindo do alto

Sobre a palma de Sua mão

Te sustentou;

Em ti organizou

O mistério de Seu corpo e sangue

Para o resgate da vida nova !

(Oração da comemoração da sagração da Igreja, no início do ciclo natalino - Sto. Efreim - sec. IV d.C.)

Palavras da Bíblia

Porque sabem que estou por defesa do Evangelho, aqueles que por intriga a Cristo pregam, não em pureza mas esperam que agrave meu sofrimento à minha prisão; e com isso regozizei e regozijo de toda maneira, se por pretexto e se por verdade, Cristo seja anunciado pois, sei que para a vida isso me é revelado através de vossas súplicas e dádivas do Espírito de Jesus Cristo

Assim desejo ardentemente e espero que em nada serei confundido, mas de peito aberto¹, sempre como hoje, Cristo será glorificado no meu corpo, quer pela vida quer pela morte.

¹ em aramaico: *mas com face descoberta*

Carta de S. Paulo aos felípenses - capítulo 1º

OS SIRÍACOS-SÉCULO XX

Em junho de 2016 encerraram-se as comemorações do centenário do Saifo, Genocídio que sofreram todos os povos Siríacos de todas as denominações religiosas (Igreja Assíria de Oriente, Igreja Sirian Ortodoxa de Antioquia, Igreja Caldaica, Igreja Sirian Católica Romana e mais as Igrejas Protestantes) por parte do governo do Império Otomano (atual República da Turquia) e seus asseclas, os curdos sendo que eles são invasores no oriente médio (lembrando, os turcos são provenientes do Turquemenistão e são de origem mongol enquanto que os curdos são tribos persas - nenhum deles fala qualquer língua semita, tal como o árabe ou hebraico ou ainda o aramaico ou siríaco).

Por isso, estamos, inaugurando neste número, uma nova secção chamada de “Os Siríacos - século XX”. Nessa nova secção, serão traduzidos trechos de textos de professores eminentes, orientais e ocidentais, sobre os povos que usam o aramaico como idioma religioso ou nativo. Os textos poderão ser encontrados nos idiomas originais, na secção de Aramaico.

Como primeiro artigo, reproduzimos em português, parte da análise de uma professora russa, conforme segue.

Essa análise é na verdade uma palestra que a historiadora Dra. Anahit Khosroyeva ministrou em 2005 na cidade de Chicago, Illinois – EEUU, no dia 10 de abril de 2005. A palestra da Dra. Khosroyeva fora organizada pela Associação Acadêmica Assíria e teve por base documentos dos arquivos da República Armênia e República Russa, portanto, um pouco distante dos trabalhos mais conhecidos entre o povo assírio (siríacos / caldeus) e também entre povos ocidentais (inglês, francês, norte-americano) ou mesmo árabes e turcos. Além de seu trabalho de doutorado, ela escreveu diversos artigos e antes dessa palestra, ministrou outras duas palestras nos EEUU, uma a convite da Universidade da Califórnia, Los Angeles (UCLA) e na sequência, outra em San Jose, Califórnia.

Seus trabalhos foram decisivos para mostrar ao mundo ocidental que o genocídio de 1915, cometido pelo governo otomano e conhecido no ocidente como o “Genocídio Armênio” englobava outros genocídios cometidos concomitantemente pelo governo otomano, com destaque ao Sáifo que dizimara 75% dos assírios (siríacos) e mais da metade dos gregos do Ponto que estavam dentro da Turquia.

O texto original foi fornecido pelo malphono (Professor) Hanna Bet Sawoce da Suécia em 2008.

OS SIRÍACOS-SÉCULO XX

(CONT.)

O Genocídio dos Assírios
Final do século XIX – primeiro quartel do século XXDra. ANAHIT KHOSROYEVA
ARMENIA, YEREVAN
NAS RA, INST. of HISTORY¹

Durante a Primeira Guerra Mundial, juntamente com os armênios os assírios, uma das nações mais antigas do Oriente Médio, também sofreu os massacres cruéis sob a influência e direção do governo dos Jovens Turcos. Uma nação² cujos antepassados estava no berço da civilização mundial e fez uma grande contribuição para o desenvolvimento da cultura mundial. Após a queda do Reino Assírio os descendentes dos assírios, continuaram a viver em sua terra histórica na antiga Betnahrain³, que ocupa o território entre o Golfo Pérsico, o Mar Mediterrâneo, o Lago Urmia e os desertos da Mesopotâmia e foram constantemente oprimidos pelo persas, árabes, mongóis, otomanos turcos e curdos. Agora esta nação com sofrimento desde há muito tempo tem procurado refúgio nas fronteiras do Iraque, Irã, Turquia e Síria: em um território significativamente limitado na Alta Mesopotâmia.

As histórias dos povos assírios e armênios estão intimamente relacionadas. Durante a sua centenária história dessas duas nações cristãs passaram uma forma grave de luta pela existência e passaram por um grande número de períodos fatídicos. Já na última década do século 19 os armênios e assírios foram expostos às opressões levadas a cabo pelo regime de Abdul Hamid, e lutaram juntos contra a ditadura Otomano. As terríveis provações que sofreram durante a I Guerra Mundial, ocorreram contudo, quando a política turca, tradicionalmente destrutiva atingiu seu extremo, sem precedentes em toda a história da humanidade.

Atualmente, o problema do reconhecimento do genocídio armênio por parte da comunidade mundial tornou-se uma das questões mais cruciais da ciência histórica armênia. Neste contexto, está se tornando cada vez mais importante lançar luz sobre a história de outras nações submetidas a massacres na Turquia otomana⁴. Os assírios, que foram uma vítima da política brutal e grave da Turquia, tal como os armênios, também são notáveis pelo seu destino trágico. Penso que estudar e jogar alguma luz sobre o genocídio assírio não é apenas um problema da assírios e estudos assírios ou uma questão de prova para a existência da relação armênio-assírio. Este problema tem um significado bastante diferente. Hoje uma outra teoria foi trazida à luz - a teoria do "estado abatedor", e um novo ramo foi constituído - a Ciência do Genocídio, que por muito tempo teve por base apenas o Genocídio Armênio e o Holocausto judeu. Neste contexto, a investigação do problema acima mencionado é muito importante na medida em que pode servir como evidência e argumento sólidos no processo de reconhecimento do genocídio armênio de 1915 por mais países, incluindo a Turquia. De fato, o estudo deste problema é uma questão não só de carácter científico, mas também de uma importância política significativa, especialmente quando atualmente, funcionários turcos, seguindo o exemplo dos seus antepassados de época não tão remota, bem como uma série de autores que justificam a política das Grandes Potências, que distorcem a verdade histórica e tentam esconder o Evento do Genocídio apresentando os fatos históricos em um espelho falso.

O objetivo principal deste relatório é uma tentativa de apresentar a política consistente de matanças e massacres realizados pelas autoridades turcas contra a nação assíria, observando a igualdade e repetição de ação no que diz respeito à política levada a cabo contra a nação armênia. Penso que as inferências e conclusões feitas aqui contribuirão para um conceito mais abrangente sobre a política de abate do governo dos Jovens Turcos realizada contra as nações cristãs: neste caso, os assírios, na Turquia otomana durante a Primeira Guerra Mundial. Elas colocarão a descoberto alguns detalhes sobre as matanças e massacres dos assírios, que completarão a imagem da essência desumana da política das autoridades turcas. A interpretação científica dos eventos históricos em relação a este problema será um forte argumento contra a propaganda turca oficial, que tenta esconder e negar os massacres em massa de cristãos na Turquia otomana.

No final do século 19 e no início do século 20 os assírios residiam principalmente nas regiões orientais da Turquia otomana: no sanjak⁵ de Hakkari, na vilayet⁶ de Van na Armênia Ocidental, nas vilayets de Erzurum, Diyarbekir, Bitlis, Kharberd, Sebastia, bem como no território de Urmia no Irã, Mosul, no Iraque e

OS SIRÍACOS-SÉCULO XX

(CONT.)

nas regiões do noroeste da Síria. A fim de obter o número exato de assírios nessas regiões, usei dezenas de fontes e estudos armênios e estrangeiros. A análise de informações e dados estatísticos mostram que nesse período no Império Otomano e nos territórios adjacentes viveu cerca de um milhão de assírios com idioma, cultura e costumes nacionais comuns, que nos ditames políticos, militares e religiosos obedeciam a seu líder religioso: Mar- Shimoun Benjamin⁷. Como parte da nação cristã, os assírios foram submetidos à mesma política de opressão com que as autoridades turcas oprimiram os armênios e as outras nações cristãs sob o controle da Turquia otomana. Muitos assírios estudaram em instituições educacionais turcas, mas recebendo os certificados correspondentes eram impedidos de preencher cargos públicos. Eles nem sequer tinham a oportunidade de desenvolver economicamente suas regiões. As autoridades turcas dissolviam os assírios entre outras nações, a fim de privá-los da possibilidade de se unirem e formarem uma frente unida. No final, como os acontecimentos históricos posteriores mostraram, os assírios sofreram o mesmo destino cruel dos armênios e outras nações que viviam sob o controle da Turquia otomana.

O sultão Abdul Hamid II, que assumiu o trono em 1876, começou a planejar os massacres em massa de cristãos. Sabe-se que a ideia central da política externa e interna de Abdul Hamid foi o pan-islamismo, que visa a união, em torno da Turquia, de todos os países e territórios povoados com maometanos, não excluindo as opressões a povos não-turcos e repressão de movimentos de libertação nacional. Juntamente com centenas de milhares de armênios, dezenas de milhares de assírios também foram vítimas de massacres em massa, que haviam sido organizados, exatamente com base nessas intenções políticas. Os massacres em massa de assírios começaram em outubro de 1895 em Diyarbekir e, posteriormente, se espalharam por toda parte. As matanças de assírios atingiu níveis sem precedentes: eventos horríveis aconteceram em muitos lugares, durante os quais um enorme número de pessoas emigraram, foram forçadas a se converterem ao maometanismo ou assassinados. Cerca de 100 mil pessoas de 245 aldeias foram islamiizadas. Milhares de mulheres assírias foram levadas à força aos haréns⁸ turcos.

Em 20 de outubro de 1895, em Amid (Diyarbekir)¹⁰ matanças de cristãos foram perpetradas pela ralé turca e curda. A igreja assíria da Abençoada Virgem⁹ deu refúgio a muitos cristãos: assírios, armênios e gregos. Felizmente, esta igreja não foi exposta a agressões, o que dificilmente pode ser dito sobre as aldeias assírias, a maioria das quais foram arruinadas e saqueadas pelos curdos. Durante aqueles dias terríveis vários assírios foram até seu líder eclesástico sugerindo que os armênios saíssem da Igreja da Abençoada Virgem para não atrair a ira dos turcos. Em resposta a este pedido, o pastor assírio disse ao seu povo: "As pessoas que fazem o sinal da cruz vão ficar na igreja até o fim. Se vamos ser mortos, vamos ser mortos juntos.". 119 aldeias no sanjak de Diyarbekir foram queimadas e arrasadas. 6 mil famílias cristãs, cerca de 30 mil pessoas, incluindo muitos assírios foram mortas.

Em outubro de 1895, o exército turco e as tropas hamidianas¹¹ invadiram Urfa e mataram 13 mil assírios.

Um conhecido membro do Movimento Nacional de Libertação Armênia e do Partido Armenakan, Armenak Yekarian relatou os massacres que ocorreram no início de setembro de 1896 no sul dos Hakkari - nas províncias povoadas com assírios: "Aproveitando a oportunidade, o governo queria se livrar desse elemento indesejável (os assírios - A.K.¹²), para isso, enviou lá um grande número de soldados e criminosos que mataram centenas de assírios".

Sem entrar em mais detalhes sobre uma série de fatos semelhantes, vou resumir dizendo que, no final do século 19, como resultado dos massacres organizados pelo sultão Abdul Hamid no Império Otomano, juntamente com 300 mil armênios 55 mil assírios também foram vítimas do sabre turco. Durante as matanças de armênios estas brutalidades perpetradas contra os assírios adicionaram novas páginas para a história sangrenta do Império Otomano. De fato, o século 19, em especial os acontecimentos terríveis de sua última década, trouxe consequências tenebrosas aos assírios no Império Otomano, abrindo o caminho para desastres ainda maiores. Assim que a Primeira Guerra Mundial começou, o governo dos Jovens Turcos decidiu entrar na guerra. Os Jovens Turcos pensaram que a participação na guerra viria a aumentar consideravelmente a autoridade da Turquia, satisfazer a sua vaidade e dignidade ". Na verdade, esta guerra foi uma boa oportunidade para os Jovens Turcos testar, na prática, a viabilidade das ideias de "somente-turcos", para realizar seus planos agressivos e selvagens, que obteve o apoio da elite militar chauvinista - feudal, burguesa, ittihadica¹³. O ministro de Assuntos Internos da Turquia Taleat Pasha durante uma conversa com

OS SIRÍACOS-SÉCULO XX

(CONT.)

Dr. Mortman, um funcionário da Embaixada Alemã, disse que aproveitando a oportunidade da lei marcial, o governo turco iria livrar-se de seus inimigos internos - os cristãos, sem temer a intervenção diplomática de países estrangeiros. Os eventos posteriores mostraram que os turcos realmente não tinham medo da intervenção de Grandes Potências e perpetraram massacres de várias nações no território otomano. Os assírios não escaparam às matanças em massa e emigração forçada.

No programa do partido dos Jovens Turcos declarava-se: "Mais cedo ou mais tarde, todas as nações sob controle turco serão transformadas em turcos. É claro que eles não vão converter voluntariamente e vamos ter de usar a força". Durante uma das reuniões secretas um ideólogo dos Jovens Turcos, Dr. Nazeem disse: " O massacre é necessário. Todos os elementos não-turcos, seja qual for a nação a que pertencem, devem ser exterminados ".

R. Stafford, um ingles, ex-inspetor administrativo do Ministério dos Negócios Estrangeiros do Iraque, fez uma observação bastante clara: "Seria um grande avanço para os turcos se eles pudessem mostrar que, independentemente do que aconteceu com os armênios, outra comunidade cristã na Turquia (os assírios - A.K.), está bastante satisfeita com a sua sorte ". E qual foi a sua sorte?

A estratégia dos massacres, a forma como foram organizados e realizados serviu como prova irrefutável da decisão dos assassinos de exterminar totalmente uma nação cuja luta pela unidade, o desejo de ser fiel à sua identidade nacional e à sua religião cristã era impossível destruir ou esmagar por um longo tempo. Condenada a uma exterminação total, esta nação pária poderia contar apenas com a sua bravura desesperada. O assírios realmente não permitiram que tão vil crime fosse cometido na obscuridade. Embora desarmados, eles lutaram até o fim sem a menor esperança de vitória.

O extermínio dos cristãos em Diyarbekir estava sob o commando do vali da vilayet, Reshid bey. Os assírios das regiões de Mardin, Midyat e Jezire, em especial, foram duramente atingidos pelos massacres turcos. O sacerdote dos assírios caldeus local, Joseph Naayem, informou que, desde 8 de abril de 1915 massacres horríveis haviam ocorrido: eles reuniam homens acima de 16 anos de idade, batiam, torturavam, matavam-nos e depois colocavam turbantes sobre as cabeças e fotografavam-nos, a fim de provar ao mundo que os cristãos oprimiam os maometanos. Em setembro de 1916 o periódico Armênia Martirizada, traduziu do original árabe, um artigo de uma testemunha ocular árabe dos massacres, Fayez El Ghosein, onde o autor alertava sobre os massacres dos assírios em Diyarbekir: "Em Midyat e Mardin para assassinar apenas os armênios e para não perturbar os membros de todas as outras comunidades. Ao saberem da infelicidade de seus irmãos (os armênios - A. K.) os assírios imediatamente tomaram posição em três aldeias perto de Midyat e repeliram o exército turco exibindo exemplos brilhantes de valor. ... Os assírios entenderam imediatamente que eles estavam lidando com um estado traiçoeiro, que amanhã retiraria a promessa de não perturbá-los e atacaria de forma mais perversa ainda, aqueles a quem ontem, havia concedido um perdão".

Djeveded Bey, o governador de Van, uma pessoa com uma série de características negativas, que era mestre em perversidades, planos conspiratórios e, ao mesmo tempo era especializado na mentira e tração, tinha um regimento "carniceiros" de 8.000 homens, que fez o seu "trabalho". Djeveded organizou massacres nunca antes vistos. Um dos exemplos marcantes disto foi a terrível matança organizada na região de Hakkari, na Primavera de 1915, onde turcos assassinaram cerca de 60 mil assírios. Durante os anos seguintes cerca de 70 mil assírios foram aniquilados: alguns deles foram assassinados, outros foram obrigados a morrer de fome ou foram mortos nas batalhas contra os maometanos.

No início de junho de 1915 ocorreram massacres em massa de assírios, na parte norte de Van, em Timar e Tuhum. Kochanis, que era considerada a capital eclesiástica dos assírios, onde ficava a residência de Mar-Shimoun os assírios ", foi totalmente destruída. O edifício patriarcal foi totalmente queimado. Ao mesmo tempo, turcos e curdos atacaram a aldeia assíria de Mar-Zaya em Jelu, saquearam e assassinaram sua população. O inimigo entrou e saqueou a igreja também. Cerca de sete mil assírios foram massacrados durante esse período.

Em 30 de junho de 1915, o cônsul americano em Kharberd, Lesly Davis, escreveu ao embaixador americano em Constantinopla, H. Morgentown: "Os turcos encontraram outra maneira de exterminar os cristãos - emigração forçada. Em 18 de Junho foi anunciado publicamente que todos os armênios e assírios deveriam deixar Kharberd no prazo de cinco dias. "Foi assim que se iniciaram as matanças de assírios em Kharberd das quais os documentos de arquivo alemães são uma evidência."

OS SIRÍACOS-SÉCULO XX

(CONT.)

As matanças assírias continuaram em Bitlis e Sebastia e a única maneira de escapar era a emigração, à qual, obviamente, seguiam perdas humanas graves.

Os assírios das regiões montanhosas de Hakkari, perto da fronteira com o Irã, de certa forma escapavam dos massacres. No final do século 19 e no início do século 20 cerca de 300 mil pessoas viviam ali, dos quais 100 mil eram assírios. Os turcos tentavam convencer o mundo de que eles não perturbavam as pessoas obedientes, apesar de seu cristianismo. Na realidade contudo, esses assírios montanheses tinham espírito bastante militar e despertavam medo no turcos. Apesar de tudo isso, no final, alguns deles também tornaram-se vítimas de massacres.

Infelizmente, durante a Primeira Guerra Mundial massacres de assírios foram realizados também no território do Irã, o qual havia se proclamado um país neutro, em 2 de novembro de 1914. O ponto foi que, nos planos elaborados pelos comandos alemães e turcos operações militares também deveriam ser levadas a cabo no Irã. Alemanha e Turquia queriam usar seu território como um corredor para as regiões de petróleo de Baku e, posteriormente, para invadir a Ásia Central. Assim, o Irã também se transformou em um campo de batalha de dois beligerantes, onde foram observados atos de violência em massa. Naquele tempo os assírios da região de Urmia foram os que mais sofreram. As suas aldeias foram completamente saqueadas e queimadas por curdos até se tornarem cinzas.

Em setembro de 1914 mais de 30 aldeias armênias e assírias foram totalmente queimadas. No mesmo ano, em outubro, o vice-cônsul russo em Urmia, Vedenski, juntamente com o governador local visitaram Angar, Alvach e outras aldeias assírias arrasadas pelas ralés de curdos, turcos e persas. Ele escreveu: "*As consequências da jihad estão em toda parte*".

O recuo inesperado e injustificado do exército russo da região Urmia, em janeiro de 1915, trouxe consequências trágicas para os assírios que viviam no Irã. Tropas turcas, juntamente com destacamentos curdos, organizaram matanças em massa da população assíria e apenas 25 mil pessoas conseguiram escapar da morte certa e excruciante e refugiar-se na Transcaucásia. 98 aldeias assírias foram totalmente queimadas e se transformaram em ruínas.

Em janeiro de 1915 um pelotão liderado por Kachali-khan cercaram a maior e mais rica aldeia de assírios em Urmia, Gulpashan, onde 300 famílias assírias (população com cerca de 2500 assírios) viviam e destruíram-na por inteiro. Todos foram assassinados, exceto algumas centenas de assírios. Além de Gulpashan, ocorreram massacres em Gyogtape, Ada, Khosrova, Haftvan e outras aldeias assírias; todas as escolas e igrejas locais foram destruídas. Em Khosrova, por exemplo, a população assíria incluindo os refugiados que vieram de aldeias vizinhas (cerca de 7 mil pessoas) foram reunidas e assassinadas. 750 pessoas foram decapitadas na aldeia assíria de Haftvan e depois 5 mil mulheres assírias foram levadas aos haréns curdos. 200 pessoas foram queimadas vivas na aldeia de Kanachar.

Os turcos, enlouquecidos por causa da ocupação de Dilmán pelos russos, em 20 de abril de 1915, assassinaram totalmente a população das 20 aldeias assírias vizinhas. Começava o êxodo doloroso de Urmia para os desertos da Mesopotâmia, acompanhado de graves perdas humanas. Uma testemunha ocular inglesa disse a respeito: "Eu vi a imagem da fuga trágica de uma nação pária. Falo sobre os assírios." Um dos refugiados, Isaac Yonan, que se salvara por um milagre, falando sobre o sofrimento, as perdas e a situação desesperada por que passaram disse que a situação era tão insuportável que parecia que os vivos invejavam os mortos. Mesmo R. Stafford, que nunca perdia a oportunidade de justificar todas as ações dos ingleses, teve de admitir que "o êxodo dos assírios é uma das páginas mais trágicas da história militar. Apenas durante este período eles perderam um terço de sua nação. Mais de 17000 assírios morreram naquele caminho".

Como pode ser visto, os assírios, sendo uma minoria étnica e religiosa, possuíam uma posição dependente na sociedade em que viviam. Isto significa que, no regime Otomano daquela época, essa nação sofria opressão e privação de direitos de formas diferentes. As opressões anticristãs tornaram-se mais agudas, especialmente por causa da hostilidade religiosa existente contra esta nação.

Assim como podemos ver, durante a Primeira Guerra Mundial na Turquia otomana e nos territórios adjacentes, onde mais de um milhão de assírios viviam, um verdadeiro genocídio foi implementado de acordo com os critérios do direito internacional. A Turquia otomana e as grandes potências são as culpadas pelos sangrentos massacres de armênios e assírios. Com a conivência criminosa das grandes potências e

OS SIRÍACOS-SÉCULO XX

(CONT.)

tendo a oportunidade apresentada pela lei marcial, a Turquia cometeu o crime mais grave contra a humanidade – o genocídio. A tragédia dos assírios no entanto ainda não chegaria ao fim, com isso. Tanto durante a Primeira Guerra Mundial e depois dela, a nação assíria foi ferida e sangrou tanto das incitações da Europa como dos massacres e opressões organizados por tiranos turcos, curdos e iranianos.

Em novembro de 1916, o New York Times publicou um artigo do Dr. V. Rockwell intitulado "O número de vítimas armênias e assírias", onde, ao falar dos massacres armênios na Turquia, o autor acrescentou: "Não só os armênios são infelizes: os assírios também foram aniquilados e cada décimo foi assassinado. ... Uma grande quantidade de assírios morreu, porém, ninguém sabe quantos exatamente ... ". A respeito disso, outro periódico americano, o jornal Atlantic Monthly escreveu: "No período de seis meses, os Jovens Turcos conseguiram fazer o que os "Velhos Turcos" ¹⁴ não foram capazes de fazer durante seis séculos. ... Milhares de assírios desapareceram da face da terra ". Em novembro de 1919, o jornal French Asia escreveu, "os massacres de assírios assemelhavam-se aos massacres de armênios. E, como a respeito desta nação, que teve 250 mil vítimas, foi falado muito menos, é necessário informar o mundo sobre ela." Tal como foi observado pelo secretário do Assyrian National Council¹⁵, C. Korek d'Kerporani, de acordo com os cálculos feitos em 1922, as perdas de seu povo foram mais de 270 mil pessoas.

Mais tarde, quando as pessoas começaram a investigar os massacres perpetrados durante a Primeira Guerra Mundial e através da emigração forçada, o número de vítimas assírias chegou a 500 mil e até 750 mil. Entre os assírios ainda existe uma opinião que durante esse período eles perderam 2/3 de seu povo.

Assim, a nação assíria, dispersa por todo o mundo necessita seu estado autônomo e continua sua luta secular justa pelo respeito dos direitos humanos, justiça, reconhecimento das identidades nacionais e do desenvolvimento cultural. Esta nação exige a condenação da Turquia por autoridades internacionais. O problema Assírio, que ficou fora do centro das atenções da comunidade mundial até agora, requer uma solução internacional, lembrando que a doença mortal de genocídio constitui um perigo para o futuro da humanidade inteira.

Na mente das pessoas duas noções completamente diferentes de "guerra" e "genocídio" são continuamente confundidas em termos da sua essência psicológica e histórica. Em qualquer guerra, o assassinato de uma pessoa "de outra nação ou religião", independentemente de quão trágico seja, é cometido a fim de alcançar alguma meta política, econômica, religiosa ou de invasão territorial. No entanto, a essência "do genocídio" é bem diferente. O propósito definido ou indefinido de genocídio é exterminar a pessoa por causa de suas características étnicas e religiosas. Para dizê-lo de forma mais direta, na mente das pessoas, "genocídio" é a permissão legalizada para assassinar uma pessoa "diferente". Contudo, o genocídio não pode ser perpetrado contra uma pessoa, várias pessoas ou um grupo de pessoas; é sempre contra toda a raça humana. Portanto, neste exemplo, o que aconteceu com a nação Assíria foi um grave crime contra toda a raça humana.

.....

Observações de Suryoye:

¹ NAS RA é National Academy of Sciences, Republic of Armenia (em armênio: HH Gitut'yunneri Azgayin Akademia).

² Refere-se à Nação Assíria pré-cristã.

³ Betnahrin é o nome da Mesopotâmia em aramaico.

⁴ Os otomanos foram a última tribo de origem mongol a invadir o antigo Império Bizantino e estabeleceu seu governo na capital bizantina, Constantinopla que passou a se chamar em turco, língua dessa tribo, por Istanbul.

⁵ sanjak – corresponde a um distrito; era comandado e governado pelo sanjak bey

⁶ vilayet – corresponde a um aglomerado de distritos numa mesma região; era comandado e governado pelo vali.

OS SIRÍACOS-SÉCULO XX

(CONT.)

- ⁷ Nesse pensamento, a Profa. Khosroyeva considera somente os adeptos da Igreja Assíria de Oriente pois, na antiga União Soviética (que englobava diversos estados políticos) somente havia assírios adeptos dessa Igreja e são aqueles com quem ela mantinha relação mais direta.
- ⁸ Harém é o lugar da casa de um governante muçulmano ou cheique religioso onde ficam as suas mulheres. As mulheres dos muçulmanos são compradas de seus pais ou levadas à força.
- ⁹ Essa igreja ainda existe, é e sempre foi a Catedral Local da comunidade Sirian Ortodoxa de Antioquia. Por esse detalhe, percebe-se que a Profa. Khosroyeva refere-se a todos os assírios.
- ¹⁰ Amid é o nome como os assírios desde 1000 a.C. conheciam o que hoje é a cidade de Deirbekir ou Dyarbekir.
- ¹¹ Sultão Abdul Hamid por ter medo de ser morto pelos próprios turcos tinha uma força especial selecionada que era a força hamidiana.
- ¹² A.K. significa que a observação é da própria Profa. Anahit Khosroyeva sendo A.K. suas iniciais.
- ¹³ Ittihad (daí ittihádica) era uma sociedade secreta turca que depois transformou-se no Partido da União e Progresso tendo se alinhado com os Jovens Turcos para modernizar o estado turco e transformá-lo numa potência mundial conforme modelo japonês. Durante a Primeira Guerra Mundial seus líderes eram Enver Pasha, Taleat Pasha e Djemal Pasha.
- ¹⁴ Profa. Khosroyeva chama de “Velhos Turcos” todos os descendentes das tribos do Turquemenistão e seus chefes que invadiram o Império Bizantino desde o século XIV e distingue-os dos “Jovens Turcos”, esses, militares que dominaram o governo em Istanbul e organizaram os massacres e quiseram impor a “turquificação” e a islamização ao Império Otomano.
- ¹⁵ Assyrian National Council é uma organização formada por refugiados assírios em Chicago, Estados Unidos da América do Norte e que possui diversas ramificações.

Oração pelos mártires cristãos

*Dizei ó mártires abençoados,
Qual vinho no julgamento tomastes
Que vosso pensamento embriagou?
Foi o vinho prensado pelos judeus,
Extraído da vinha da Filha de Davi,
Foi ele que tomamos
E nosso pensamento embriagou.
O fogo vímos e dele não nos aterrorizamos,
A espada vímos e ansiosos ao encontro d'Ele fomos,
Aleluia, com o amor de Cristo!*

Festividades do 4º Bimestre (julho-agosto)

Destacamos a seguir algumas festividades religiosas que comemoraremos no próximo bimestre.

Em nosso Calendário, são destaque os seguintes eventos:

- S. Tomé, apóstolo.
- S. Tiago Baradeu.
- S. Gregório Bar 'ebroio (Bar Hebraeus).
- Transfiguração de Ns Jesus Cristo.
- Início do jejum dedicado a N.Sra (começa dia 10 de agosto)
- Assunção de Nossa Senhora ao Céu (15 de agosto)
- Sobo o Persa (S. Tiago Afrahat)
- S. Filoxinos Aksnoio

Cada uma dessas festividades possui seus cânticos e orações especiais que compõem com outras atitudes toda uma ritualística que deve ser executada na igreja.

Donativos

A Igreja Sirian Ortodoxa Santa Maria sobrevive dos generosos donativos de seus fiéis e precisa deles pois há muitas obras sociais que são dever de cada um para com seu próximo; assim, a Igreja Sirian Ortodoxa Santa Maria recolhe os donativos e os entrega às instituições que cuidam de órfãos, viúvas necessitadas, refugiados, albergues etc.

Qualquer valor é bem recebido por parte de quem precisa.

A Diretoria Social convoca todos os fiéis a participarem dos donativos para as Campanhas de Ajuda.

Quem quiser contribuir poderá falar com Jacqueline Bustamante ou fazer um depósito na conta:

Igreja Sirian Ortodoxa Santa Maria

Banco 033: Santander

Conta Corrente: 13000212-9

Agencia: 2174

A ORAÇÃO

Controverse Entre Un Syrien et Un Grec:

Demandes et réponses au sujet des paroles : Dieu saint, saint puissant, saint immortel, qui fut crucifié pour nous (1), que nous disons en priant.

Question du Grec : Dis-moi, ô Syrien, pourquoi, après avoir dit dans vos prières : Dieu saint, saint puissant, saint immortel, ajoutez-vous : qui fut crucifié pour nous? Vous crucifiez toujours ainsi la divinité. Dites-nous qui vous a enseigné cela et pourquoi vous dites : qui fut crucifié pour nous"? — Réponse du Syrien : Sache, ô Grec, que tout chrétien qui prie et ne met pas dans sa prière : qui fut crucifié pour nous, prie le démon, et non pas Dieu, et le démon lui enlève les prières de la bouche et elles n'arrivent pas jusqu'à Dieu. — G. Explique moi, ô Syrien, comment celui qui ne dit pas : qui fut crucifié pour nous, prie le démon. — S. Sache, ô Grec, que le démon est l'ennemi de l'homme et cherche toujours sa perte. Il combat avec lui jour et nuit, et lorsque l'homme se lève pour prier Dieu, le démon maudit vient en face de lui, et quand l'homme dit dans sa prière : Dieu saint, le démon répond : Et moi aussi je suis saint et je suis Dieu de toutes les ténèbres de ce monde. Et quand on ajoute : saint puissant, le démon répond : Et moi aussi je suis puissant, j'opère des signes et des prodiges nombreux dans ce monde. Et quand on dit : saint immortel, le démon ajoute : Et moi aussi je suis immortel. Mais quand on dit: qui fut crucifié pour nous, et quand on fait sur soi le signe de la croix, on ferme la bouche du démon. Il reste confondu, et n'a rien à répondre, car ce n'est pas lui qui fut crucifié pour notre salut. Et quand il voit que notre prière arrive à celui qui a été crucifié pour nous, alors il fuit avec crainte et tremblement et s'évanouit devant la force de la croix comme une fumée au soufflé du vent. Mais si l'on ne dit pas dans la prière : qui fut crucifié pour nous, le démon maudit a réponse à toute parole et enlève la prière de la bouche. Il convient donc que nous disions dans nos prières : qui fut crucifié pour nous, puisque ces paroles chassent le démon et rendent vaine toute sa puissance.

(in: Revue de l'Orient Chrétien – 1900)

OS SIRÍACOS-SÉCULO XX

The Assyrian Genocide. Late XIX – first quarter of XX centuries

Dr. ANAHIT KHOSROYEVA
ARMENIA, YEREVAN
NAS RA, INST. of HISTORY

During the World War I along with the Armenians the Assyrians, one of the most ancient nations of the Middle East, also underwent the cruel massacres under the influence and direction of the Young Turks' government. A nation whose ancestors stood at the cradle of the world civilization and made a great contribution to the development of world culture. After the fall of the Assyrian Kingdom the descendants of the Assyrians, continuing to live on their historical land in ancient Betnahrain, which occupies the territory between the Persian Gulf, the Mediterranean Sea, Lake Urmia and the deserts of Mesopotamia, were consistently oppressed by the Persians, Arabs, Mongols, Ottoman Turks and Kurds. Now this long-suffering nation has refuged on the boundaries of Iraq, Iran, Turkey, and Syria: on a limited territory in The Upper Mesopotamia.

Histories of the Assyrian and Armenian people are closely related. During their centuries-old history these two Christian nations have passed a severe way of struggle for existence and have gone through a great number of fateful periods. As early as in the last decade of the 19th century the Armenians and Assyrians were exposed to the oppressions carried out by Abdul Hamid's regime, and fought together against the Ottoman dictatorship. But the terrible ordeals they underwent during the World War I, when the traditio-

nal Turkish destructive policy reached its extremum, were unprecedented throughout the history of mankind.

Nowadays the problem of the Armenian Genocide recognition by the world community has become one of the most crucial issues of the Armenian historical science. In this context it is becoming increasingly important to shed light on the history of other nations subjected to massacres in the Ottoman Turkey. The Assyrians, who fell a victim to the Turkish brutal and severe policy like the Armenians, are also notable for their tragic fate. I think that studying and throwing some light upon the Assyrian Genocide is not only the problem of Assyrians and Assyrian studies or a question of proving the existence of the Armenian-Assyrian relationship. This problem has quite a different meaning. Today another theory has been brought to light – the theory of the “slaughterer state”, and a new branch has been formed – the Genocide Science, which was for a long time based only on the Armenian Genocide and the Jewish Holocaust. In this respect the research of the problem mentioned above is quite important in that it can serve as a strong evidence and argument in the process of recognition of the Armenian Genocide of 1915 by more countries including Turkey. In fact the study of this problem is an issue of not only a scientific but also of a significant political importance, especially when today’s Turkish officials, following the example of their not so remote ancestors, as well as a number of authors justifying the policy of the Great Powers, distort the historical truth and try to hide the event of genocide presenting the historical facts in a false mirror.

The main purpose of this report is to make an attempt of presenting the consistent policy of slaughters and massacres carried out by the Turkish authorities towards the Assyrian nation, observing identity and repetition with regard to the policy carried out towards the Armenian nation. I think the inferences and conclusions made here will contribute to a more comprehensive concept on the slaughter policy of the Young Turks’ government carried out towards the Christian nations: in this instance towards the Assyrians, in the Ottoman Turkey during the World War I. They will uncover certain details concerning the Assyrian slaughters and massacres, which will complete the picture of inhuman essence of the policy the Turkish authorities adhered to. The scientific interpretation of the historical events regarding this problem will be a strong argument against the official Turkish propaganda, which tries to hide and deny the mass massacres of Christians in the Ottoman Turkey.

At the end of the 19th and at the beginning of the 20th centuries the Assyrians mainly resided in the Eastern parts of the Ottoman Turkey: in Hakkari sanjak of vilayet of Van in the Western Armenia, in the vilayets of Erzurum, Diyarbekir, Bitlis, Kharberd, Sebastia, as well as on the territory of Urmia in Iran, Mosul in Iraq and in the northwestern regions of Syria. In order to obtain the exact number of Assyrians in these regions I have used dozens of Armenian and foreign sources and studies. The analysis of information and statistical data shows that in that period in the Ottoman Empire and the adjacent territories lived about one million Assyrians with common language, culture and national customs, who in the political, military and religious senses obeyed their clerical leader: Mar-Shimoun Benjamin. As a part of the Christian nation, the Assyrians were subjected to the same oppressive policy that Turkish authorities carried out towards the Armenians and the other Christian nations under the control of the Ottoman Turkey. Many Assyrians studied in Turkish educational institutions, but getting the corresponding certificates could not fill public positions. They did not even have an opportunity to economically develop their regions. Turkish authorities dissolved the Assyrians among other nations in order to deprive them of the possibility of joining and putting up a united front. Eventually, as the subsequent historical events showed, the Assyrians suffered the same cruel fate as the Armenians and other nations living under the control of the Ottoman Turkey.

Sultan Abdul Hamid II, who came to the throne in 1876, started to plan the mass massacres of Christians. It is known that the pivotal idea of Abdul Hamid’s external and internal policies was Pan-Islamism, which aimed at joining together around Turkey all the countries and territories populated with Mohammedans, by no means excepting the oppressions of non-Turkish nations and repression of national liberation movements. Along with hundreds of thousands of Armenians, tens of thousands of Assyrians also fell a victim to the mass slaughters, which were organized based upon this very political intentions. The mass massacres of Assyrians started in October 1895 in Diyarbekir and, afterwards, spread everywhere. The Assyrian slaughters reached unprecedented levels: horrible events happened in many places, during which a great number of people emigrated, were forcedly converted to Mohammedanism or murdered. About 100 thousand people from 245 villages were Islamized. Thousands of Assyrian women were forced

into Turkish harems.

On October 20, 1895 in Amid (Diyarbakir) slaughters of Christians were perpetrated by Turkish and Kurdish rabble. The Assyrian Church of The Blessed Virgin gave refuge to many Christians: Assyrians, Armenians and Greeks. Fortunately, this church was not exposed to aggressions which can hardly be said about the Assyrian villages most of which were ruined and plundered by Kurds. During those dire days several Assyrians went to their clerical leader suggesting making Armenians go out of The Blessed Virgin Church in order not to draw down Turk's anger. In response to this request the Assyrian pastor said to his people: "The people who cross themselves will stay in church to the end. Should we be killed, we will be killed together." 119 villages in Diyarbakir sanjak were scorched out and ruined. 6 thousand Christian families, about 30 thousand people, including many Assyrians were killed.

In October 1895 the Turkish army and Hamidian troops entered Urfa and killed 13 thousand Assyrians.

A well-known member of the Armenian National Liberation Movement and the Armenakan Party, Armenak Yekarian recounted about the slaughters that took place in early September 1896 in the southern Hakkari – in the provinces populated with Assyrians: "Taking the opportunity, the government wanted to get rid of that undesirable element (the Assyrians – A. K.), therefore it sent there a large number of soldiers and hoodlums who killed hundreds of Assyrians."

Without going into further details of a number of similar facts, I will summarize that at the end of the 19th century as a result of the massacres organized by Sultan Abdul Hamid in the Ottoman Empire along with 300 thousand Armenians 55 thousand Assyrians also fell a victim to the Turkish yataghan. During the Armenian slaughters these brutalities perpetrated towards the Assyrians added new pages to the bloody history of the Ottoman Empire. In fact the 19th century and especially the dreadful events of its last decade had baneful consequences for the Assyrians in the Ottoman Empire paving the way for even greater disasters.

As soon as the World War I started the Young Turks' government decided to enter the war. Young Turks thought that participation in the war will considerably raise Turkey's authority, satisfy their vanity and dignity". In fact this war was a good opportunity for Young Turks to test the viability of the all-Turkish ideas in practice, to realize their aggressive and wild plans, which met with support among the military-feudal, bourgeois, ittihatich-chauvinistic elite. The minister of Internal Affairs of Turkey Taleat pasha during a talk with doctor Mortman, an employee of the German Embassy, said that taking the opportunity of martial law, the Turkish government would eventually get rid of its internal enemies – the Christians, without even being afraid of the diplomatic intervention of foreign countries. The subsequent events showed that Turks really were not afraid of the Great Powers' intervention and perpetrated massacres of a number of nations in the Ottoman territory. The Assyrians also did not elude the mass slaughters and forced emigration.

It was stated in the Young Turks' party program: "Sooner or later all the nations under Turkish control will be turned into Turks. It is clear that they will not convert voluntarily and we will have to use force." During one of the secret meetings a Young Turkish ideologist doctor Nazeem said: "The massacre is necessary. All the non-Turkish elements, whatever nation they belong to, should be exterminated".

R. Stafford, an Englishman who was the former administrative inspector of Iraq's Ministry of Foreign Affairs, fairly observed: "It would be a great progress for Turks if they could show that regardless of what happened to the Armenians, another Christian community in Turkey (the Assyrians – A. K.), is quite satisfied with its fortune". And what was their fortune?

The strategy of the slaughters, the way they were organized and carried out served as an irrefutable evidence of the slaughterers' decision to totally exterminate a nation whose striving for unity, the desire to be loyal to its national identity and the Christian religion was impossible to destroy or shatter for a long time. Doomed to a total extermination, this outcast nation could rely only on its desperate bravery. The Assyrians really did not let that villainous crime be committed in obscurity. Even though unarmed, they fought to the very end without a slightest hope of victory.

The extermination of the Christians in Diyarbakir was controlled by the vilayet's vali Reshid bey. The Assyrians of Mardin, Midyat and Jezire regions were especially badly hit by the Turkish massacres. The

priest of local Chaldean Assyrians Joseph Naayem reported that since April 8, 1915 horrible massacres had taken place: they gathered men above 16, beat, tortured, killed them, and afterwards put turbans on their heads and photographed them in order to prove the world that Christians oppressed Mohammedans. In September 1916 the periodical Martyred Armenia translated from the Original Arabic an article by an Arab eyewitness of massacres, Fayez El Ghosein, where the author adverted to the slaughters of the Assyrians in Diyarbekir: "In Midyat and Mardin an order was issued to murder only Armenians, and not to disturb the members of all the other communities. Learning about the misfortune of their brothers (the Armenians – A. K.) the Assyrians immediately took a position in three villages close to Midyat and rebuffed the Turkish army exhibiting bright examples of valor. ...The Assyrians fully recognized that they were dealing with a deceitful state, which will tomorrow withdraw the promise of not disturbing them and will strike more badly those whom it had granted a pardon yesterday."

Djevded Bey, the governor of Van, a person with a number of negative characteristics, who was a master of misdeeds, conspiratorial plans and at the same time was specialized in lying and shamming, had a "butchers" regiment of 8,000 men, that did its "job". Djevded organized massacres never seen before. One of the striking examples of this was the terrible slaughter organized in Hakkari region in spring 1915, where Turks murdered about 60 thousand Assyrians. Then during the following years about 70 thousand Assyrians were annihilated: some of them were murdered, others starved to death or were killed in the battles against Mohammedans.

In early June 1915 mass slaughters of Assyrians took place also in the northern part of Van, in Timar and Tuhum. Kochanis, which was considered the Assyrians' clerical leader Mar-Shimoun's residence, was totally destroyed. The patriarchy building was scorched out. At the same time Turks and Kurds attacked the Assyrian village Mar-Zaya in Jelu, plundered it and murdered its population. The enemy entered and looted the church as well. About seven thousand Assyrians were slaughtered there during this period.

On June 30, 1915 the American consul in Kharberd Lesly Davis wrote to the American ambassador in Constantinople H. Morgentown: "Turks have found another way of exterminating the Christians – forced emigration. On June 18 it was publicly announced that all the Armenians and Assyrians should leave Kharberd within five days." This is how the Assyrian slaughters in Kharberd, which the German archival documents are evidence of, started.

The Assyrian slaughters continued in Bitlis and Sebastia as well, and the only way to escape was emigration, which was of course accompanied by severe human losses.

The Assyrians of the mountainous regions of Hakkari near the boundary with Iran more or less eluded the massacres. At the end of the 19th and at the beginning of the 20th centuries some 300 thousand people lived there, from which 100 thousand were Assyrians. Turks were trying to convince the world that they do not disturb the obedient people in spite of their Christianity. But in reality those mountain-dweller Assyrians were rather militant and aroused fear in Turks. But despite all this, some of them also fell a victim to massacres in the end.

Unfortunately, during the World War I Assyrian massacres were carried out also on the territory of Iran, which had proclaimed itself a neutral country on November 2, 1914. The point was that in the plans worked out by the German and Turkish commands military operations were to be carried out in Iran, too. Germany and Turkey wanted to use its territory as a corridor to the oil regions of Baku and thereafter to invade the Central Asia. Thus Iran also turned into a battle-ground of two belligerents, where mass violence acts were observed. At that time the Assyrians of Urmia region suffered most of all. Their villages were entirely looted and burnt to ashes by Kurds.

In September 1914 more than 30 Armenian and Assyrian villages were scorched out. In the same year, in October, the Russian Vice-Consul in Urmia Vedenski along with the local governor visited Angar, Alvach and other Assyrian villages ruined by Kurds, Turks and Persian rabble. He wrote: "The consequences of jihad are everywhere".

The unexpected and unjustified retreat of Russian army from Urmia region in January 1915 had tragic consequences for the Assyrians living in Iran. Turkish troops along with Kurdish detachments organized mass slaughters of the Assyrian population and only 25 thousand people managed to escape the certain and excruciating death and take refuge in Transcaucasia. 98 Assyrian villages were scorched out and tur-

ned into ruins.

In January 1915 a platoon headed by Kachali-khan encircled the largest and the richest Assyrian village in Urmia, Gulpashan, where 300 Assyrian families (about 2500 Assyrian population) lived, and entirely destroyed it. All but a couple of hundreds of Assyrians were murdered. In addition to Gulpashan, massacres took place in Gyogtape, Ada, Khosrova, Haftvan and other Assyrian villages; all the local schools and churches were ruined. For example, in Khosrova the Assyrian population including the refugees who came here from the neighboring villages (about 7 thousand people) were gathered together and slaughtered. 750 people were beheaded in the Assyrian village Haftvan, and afterwards 5 thousand Assyrian women were taken to Kurdish harems. 200 people were burnt alive in the village Kanachar.

Turks, furious about the occupation of Dilman by Russians on April 20, 1915, murdered the population of the 20 neighboring Assyrian villages. The painful exodus from Urmia to the deserts of Mesopotamia, accompanied with severe human losses, began. An English eyewitness said about it: "I saw the picture of the tragic flight of an outcast nation. I speak about the Assyrians." And one of the refugees, Isaac Yonan, who had been saved by a miracle, speaking about the suffering, losses and the desperate situation they went through, told that the situation was so unbearable that it seemed that the alive envied the dead. Even R. Stafford, who never lost the opportunity to justify all the actions of Englishmen, had to admit that "the Assyrians' exodus is one of the most tragic pages of the military history. Only during this period they lost one third of their nation. More than 17000 Assyrians died on that way."

As it can be seen, the Assyrians, being a national and religious minority, were in a dependent position in the society they lived. This means that in the existing Ottoman regime, this nation had to suffer oppression and different forms of deprivation of rights. The antichristian oppressions became more acute especially because of the existing religious hostility towards this nation.

Thus, as we can see, during the World War I in the Ottoman Turkey and the adjacent territories, where more than one million Assyrians lived, a real genocide was implemented according to the criteria of international law. The Ottoman Turkey and the Great Powers are guilty of the bloody massacres of both Armenians and Assyrians. With the criminal connivance of the Great Powers and taking the opportunity presented by the martial law Turkey committed the gravest crime against mankind – genocide. But the tragedy of Assyrians did not come to the end with this. Both during the World War I and after it the Assyrian nation bled both from the Europe's incitements and from the slaughters and oppressions organized by Turkish, Kurdish and Iranian tyrants.

In November 1916 the New York Times published doctor V. Rockwell's article named "The Number of Armenian and Assyrian Victims", where telling about the Armenian massacres in Turkey the author added: "Not only the Armenians are unfortunate: the Assyrians were also wiped out and each tenth was murdered. ... A lot of Assyrians perished but no one knows how many exactly ...". As regards this, another American periodical, the newspaper Atlantic Monthly wrote: "Within six months the turks managed to do what the "Old Turks" were not able to do during six centuries. ...Thousands of Assyrians vanished from the face of the earth". In November 1919 the periodical French Asia wrote, "the Assyrian massacres resembled the Armenian slaughters. And as about this nation, which had 250 thousand victims, has been spoken much less, it is necessary to inform the world about it." And as it was pointed by the Assyrian National Council secretary C. Korek d'Kerporani, according to the calculations done in 1922, the losses of his people were more than 270 thousand.

Later on, when people started to investigate the massacres perpetrated during the World War I and on the way of forced emigration, the number of Assyrian victims reached 500 thousand and even 750 thousand. Among the Assyrians there still exists an opinion that during that period they lost 2/3 of their people.

Thus, the Assyrian nation dispersed all over the world needs to have its autonomous state and continues its centuries-old just struggle for respect of human rights, justice, recognition of national identities and cultural development. This nation demands the condemnation of Turkey by international authorities. The Assyrian problem, which has been out of the World community's limelight so far, requires an international solution, reminding that the deadly disease of genocide represents a danger for the future of whole mankind.

In people's mind two completely different notions of "war" and "genocide" are continuously being confused in terms of their psychological and historical essence. In any war the murder of a person "of another nation or religion", regardless of how tragic it is, is committed in order to achieve some political, economical, religious or territorial-invasive goals. However "genocide's" essence is quite different. The definite or indefinite purpose of genocide is to exterminate the person because of his ethnic and religious characteristics. To say it more strictly "genocide" is the legalized in peoples mind permission to murder a "different" person. But genocide cannot be perpetrated against one, several or a group of people; it is always against the whole human race. Therefore, in this instance, what happened to the Assyrian nation was a serious crime against the whole human race.